

Métodos na Pesquisa de uso de dicionários

Magali Sanches Duranⁱ

PPG em Estudos Lingüísticos (doutorado) Universidade Estadual Paulista - UNESP São José do Rio Preto E-mail: magali.duran@uol.com.br

Abstract. This paper discusses methods in dictionary use research. Under this perspective, it comments on some works to evidence weakness and strengths of techniques they adopted. It also presents suggestions of methods applicable to this kind of research but not used yet. Such discussion may contribute for methodological decisions in future research projects.

Keywords. dictionary use research; metalexigrafia; pesquisa metalexigráfica.

Resumo. Este artigo discute a questão dos métodos na pesquisa sobre o uso dos dicionários. Alguns estudos são comentados sob essa perspectiva a fim de evidenciar algumas vantagens e limitações de técnicas utilizadas. Apresentam-se também sugestões de métodos aplicáveis a esse tipo de pesquisa, mas ainda não empregados. Essa discussão pode contribuir para decisões metodológicas de projetos de pesquisa futuros.

Palavras-chave. pesquisa sobre uso do dicionário; metalexigrafia; pesquisa metalexigráfica.

1. Introdução

As pesquisas sobre o uso do dicionário são fundamentais para o desenvolvimento da Lexicografia Pedagógica e por isso início este artigo revendo algumas questões relacionadas a essa área da Lexicografia.

Devido em grande parte ao processo de globalização, o ensino de idiomas apresentou um crescimento sem igual no último século. Isso fomentou o desenvolvimento de todo um mercado, provocando a proliferação de escolas, de métodos e de ferramentas para ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras (LE). Há pouco mais de 30 anos, os dicionários, que sempre foram um importante acessório para o aprendiz de idiomas, começaram a refletir mais fortemente a preocupação de atender adequadamente as necessidades desse usuário (o “cliente” do lexicógrafo). A especialização da Lexicografia para essa finalidade cresceu tanto que passou a ter denominação própria: Lexicografia Pedagógica. Hoje essa área passou a abarcar também os dicionários monolíngües para falantes nativos que, embora já apresentassem alguns critérios de segmentação de público-alvo, não observavam com rigor as necessidades de seus usuários.

A principal distinção, portanto, entre a Lexicografia tradicional e a Lexicografia Pedagógica (LP) é o fato de que o foco da primeira é o inventário do léxico em seus mais diversos aspectos, enquanto o foco da segunda é o atendimento das necessidades do usuário de dicionário. A LP procura selecionar as informações que vão integrar o dicionário baseada nas necessidades do público-alvo, enquanto a Lexicografia tradicional utiliza outros critérios de seleção e, não raro, procura colocar no dicionário tantas informações quanto possível, sem preocupar-se com a utilidade que elas possam ter para usuários específicos. Essa distinção fica clara quando pensamos a avaliação dos dicionários.

Um critério predominante na avaliação da qualidade de um dicionário tradicional é a quantidade de verbetes, de expressões, de exemplos, ou seja, elementos intrínsecos às obras. Já a qualidade de um dicionário pedagógico é avaliada a partir do julgamento de sua adequação às necessidades dos usuários: nesse tipo de dicionário nem sempre *mais* significa *melhor*.

Tomemos, por exemplo, parte de um verbete extraído de um dicionário português-inglês que diz em seu prefácio ter selecionado e adaptado os verbetes para brasileirosⁱⁱ:

Casa [k'azə] sf 1 house. 2 home. (...)

Pergunta-se: qual a função da informação sobre gênero dos substantivos de português nesse dicionário? E a função da transcrição fonética dos itens lexicais em português? Se o usuário é brasileiro e está consultando um dicionário português-inglês, presume-se que ele conheça o gênero dos substantivos e a pronúncia dos itens lexicais de sua língua materna. Tais informações seriam muito relevantes para estrangeiros, mas deveriam ser suprimidas em um dicionário pedagógico português-inglês dirigido a brasileiros, já que não agregam nenhum valor para esse público-alvo.

Esses fatos ainda ocorrem em dicionários que declaram terem sido feitos para um público específico e mostram que a demanda por dicionários pedagógicos acabou ditando o lançamento de publicações antes que os preceitos da LP tivessem sido devidamente assimilados pelos respectivos autores e editores.

O desenvolvimento da LP é relativamente recente. Seus primórdios estão ligados à lexicografia monolíngüe, notadamente de língua inglesa, que tinha a preocupação de descrever o léxico sob o ponto de vista de quem se dirige a uma audiência de aprendizes estrangeiros (o primeiro capítulo de COWIE, 1999, é um excelente relato dessa história). Quando a LP passou a influenciar também as obras bilíngües, o público que era “estrangeiro” passou a ser especificado com uma nacionalidade. Assim, por exemplo, um dicionário monolíngüe de inglês para aprendizes *estrangeiros* transformou-se em dicionário bilíngüe de inglês-português para *brasileiros*, dicionário inglês-francês para *franceses*, dicionário inglês-espanhol para *espanhóis* etcⁱⁱⁱ. Dessa forma, as dificuldades típicas de cada nacionalidade em relação ao léxico de uma língua estrangeira começaram a ser contempladas nos dicionários pedagógicos. Os usuários, que anteriormente constituíam uma massa indistinta para os lexicógrafos, passaram a ganhar identidade. Diversos tipos de segmentação surgiram: além da nacionalidade,

passou-se a adequar as obras à faixa etária, ao nível de aprendizado e ao tipo de atividade dos usuários.

Como o usuário pluralizou-se, constituindo diversos públicos-alvo, o dicionário também deixou de ser singular. Como observou Ilson (1985), começou-se a falar de dicionários no plural.

Além de especificarem um público-alvo, os dicionários pedagógicos especificam (ou deveriam) o tipo de função que se propõem a apoiar. Isso porque não basta perguntar se uma informação é relevante para um determinado público-alvo, mas também em que situação essa informação é relevante.

A função do dicionário está diretamente ligada à direção. Dicionários bilíngües que pretendem apoiar a decodificação nas atividades de leitura ou de tradução, por exemplo, apresentam as entradas em língua estrangeira (a incógnita nessas situações é o significado dessas entradas). Já os dicionários bilíngües que pretendem apoiar a codificação nas atividades de escrita em LE (redação e versão) devem apresentar as entradas em língua materna (LM), já que a incógnita nessas situações são os itens lexicais que possam expressar o mesmo significado expresso pela entrada em LM.

Diante desses desafios, a LP precisa tanto de pesquisas lexicográficas tradicionais, que produzam matéria para constituir os dicionários, quanto de pesquisas que investiguem o uso do dicionário e cujos resultados possam subsidiar decisões de projetos lexicográficos pedagógicos. Essas últimas pesquisas estão enquadradas no que se chama de Metalexigrafia.

Assim como a LP, as pesquisas sobre o uso do dicionário são relativamente recentes. Segundo Boogards (1999), em 1986 havia pouco mais de meia dúzia delas. Em 1996, embora esse número tenha crescido dez vezes, o autor relata que os resultados muitas vezes se mostravam contraditórios, evidenciando que a heterogeneidade de métodos de investigação utilizados dificultavam conclusões. Embora as pesquisas nessa área venham crescendo expressivamente, a carência de um paradigma de pesquisas com métodos consagrados ainda se faz sentir.

Diante desse cenário, julgamos oportuno discutir esse assunto e comentar alguns relatos de pesquisa sobre o uso do dicionário, focando não os resultados, mas os métodos empregados.

2. Pesquisas sobre uso do dicionário

Como as necessidades dos usuários de dicionários não são homogêneas, para descobrir como deve ser um dicionário adequado a um determinado segmento de público que se pretende atender, são necessárias pesquisas que investiguem a interação de representantes desse segmento com as obras lexicográficas. Eis alguns tipos de perguntas que podem orientar pesquisas com esse foco:

- Que tipo de dicionário é mais adequado a cada tipo de atividade?

- O que promove melhor a compreensão de significado em LE: a definição ou o exemplo?
- Em que tipo de atividade o aprendiz consulta mais o dicionário?
- Que forma de organização dos elementos de um verbete facilita mais a consulta?
- Quanto do verbete os aprendizes lêem e em que ordem?
- Que elementos de formatação conferem maior clareza ao texto lexicográfico?
- Quais as estratégias do aprendiz quando não obtém o resultado desejado na consulta inicial?
- Que cores devem ser utilizadas no texto para facilitar a retenção dos itens lexicais?
- Quais os enganos que o aprendiz comete, mesmo utilizando o dicionário, por falta ou incompletude de informações lexicográficas?
- O que falta aos dicionários, ou melhor: que tipo de informação o aprendiz busca, mas não encontra nos dicionários?
- Que tipo de habilidade de consulta o aprendiz necessita para fazer melhor uso dos dicionários?
- O ensino do uso do dicionário melhora o desempenho dos aprendizes?

Para responder a essas e a uma infinidade de outras questões, o pesquisador deve escolher um método e um instrumento de pesquisa. *A priori*, não existe método melhor ou pior. O que se pode discutir é qual o método mais adequado para levantar determinada informação.

Os desenhos das pesquisas sobre o uso de dicionários variam muito no que diz respeito à metodologia e aos instrumentos de coleta de dados. Em 1996 Dolezal & McCreary publicaram uma vasta relação de trabalhos sobre LP. Tono (2001), numa resenha sobre a obra de Dolezal & McCreary, criticou o fato de os trabalhos não estarem classificados pelo método utilizado, além de misturarem resultados de pesquisas empíricas com artigos de opinião de especialistas. Essa deficiência foi superada por Welker (2006), que reuniu e comentou o resultado de 200 pesquisas empíricas sobre o uso do dicionário em todo o mundo. Welker classificou as pesquisas por diversos critérios, permitindo aos leitores interessados que comparem os resultados dessas pesquisas.

Há duas instâncias para conhecer o uso dos dicionários: uma é o *processo do uso* e a outra é o *efeito do uso* no produto de uma atividade. Já empreguei a expressão “produto do uso” para nomear essa segunda instância, mas passei a adotar a expressão utilizada por Welker (2006) *efeito do uso*, pois me pareceu mais apropriada.

O *processo do uso*, (as consultas durante uma atividade) pode ser acessado por meio de perguntas dirigidas ao usuário ou por meio de técnicas introspectivas que permitam revelar aspectos do comportamento do usuário dos quais nem ele mesmo tem consciência.

Já o *efeito do uso* pode ser observado nos seguintes produtos: exercícios de interpretação de texto (uso do dicionário na leitura); redações; textos traduzidos e textos

vertidos. A análise do efeito do uso do dicionário normalmente é guiada pela relação de itens lexicais que foram motivo de consulta. Isso é importante, pois muito do que se observa nos produtos da leitura, da escrita, da tradução e da versão não tem nenhuma relação com o uso dos dicionários. É o caso, por exemplo, de conhecimentos prévios, de processos de inferências etc.

Verificam-se nesses produtos:

- Erros que poderiam ter sido evitados com um melhor uso do dicionário, ou seja, o dicionário tinha a informação necessária, mas o aprendiz não soube aproveitá-la;
- Erros que poderiam ter sido evitados se o dicionário fornecesse mais informações ou as apresentasse de outro modo.

A análise do efeito do uso é objetiva (empírica) e revela conseqüências do uso do dicionário (erros e acertos), mas não revela as causas dos erros. Para chegar a essas causas temos que fazer suposições ou procurá-las no processo do uso.

3. Pergunta de pesquisa e escolha do método.

A questão da escolha do método e dos instrumentos de pesquisa deve ser pautada pela pergunta de pesquisa:

A partir do momento em que a pesquisa centra-se em um problema específico, é em virtude desse problema específico que o pesquisador escolherá o procedimento mais apto, segundo ele, para chegar à compreensão visada. Poderá ser um procedimento quantitativo, qualitativo, ou uma mistura de ambos. O essencial permanecerá: que a escolha da abordagem esteja a serviço do objeto de pesquisa, e não o contrário, com o objetivo de daí tirar, o melhor possível, os saberes desejados. (LAVILLE & DIONNE, 1999, p.43)

Portanto, algumas perguntas de pesquisa requerem uma abordagem qualitativa, outras requerem uma abordagem quantitativa. Faço uma analogia com a fotografia para comparar essas duas abordagens: a qualitativa seria um *close* (revela o detalhe) e a quantitativa uma foto panorâmica ou aérea (dá visão de conjunto), ou seja, cada uma delas mostra o que a outra não mostra.

4. Abordagem qualitativa

A abordagem qualitativa é indicada quando o assunto é muito complexo ou desconhecido. Ela propicia ao pesquisador a oportunidade de explorar novos campos, aprofundar o conhecimento acerca do assunto pesquisado e elaborar hipóteses e, por isso, é também chamada de pesquisa em profundidade. Nesse tipo de pesquisa, a descrição do contexto é muito importante para que se possam interpretar os resultados.

Vamos supor, por exemplo, a seguinte pergunta de pesquisa: “*Quais são as estratégias de busca lexical utilizadas no processo de escrita em LE?*”. Se não sabemos de antemão quais são as possíveis estratégias de busca lexical, se não temos uma

tipologia de estratégias como referência, é por meio da abordagem qualitativa de pesquisa que poderemos elucidar algumas dessas estratégias.

No entanto, essa mesma pesquisa não nos dirá se as estratégias levantadas são as únicas possíveis nem se são as mesmas utilizadas por outros usuários, de contexto semelhante ou não ao contexto pesquisado. A pesquisa qualitativa não tem o propósito de conhecer o todo pela parte, o universo pela amostra: não permite generalizações. Sua aplicação é na elucidação de questões complexas onde muitas variáveis são desconhecidas. Gordon & Langmaid (1988) dizem que a pesquisa qualitativa é aquela que responde a perguntas como *O quê?*, *Por quê?* e *Como?*, mas não consegue responder a pergunta *Quantos?*

Pesquisas qualitativas podem preceder pesquisas quantitativas. O pesquisador pode utilizar o conhecimento adquirido na pesquisa em profundidade (verticalidade) para elaborar perguntas de pesquisa quantitativa adequadas para descobrir se determinado comportamento é observado em uma amostra de usuários (horizontalidade).

As técnicas mais utilizadas nas pesquisas de abordagem qualitativa sobre o uso do dicionário são as técnicas introspectivas (v. WALLACE, 1998): o pensar em voz alta, a auto-reflexão e a auto-observação, mas há também estudos que utilizaram a observação e a entrevista em profundidade. Os instrumentos utilizados nessas técnicas são o diário, as gravações e os protocolos verbal e escrito.

O diário é utilizado tanto para o registro das observações do pesquisador quanto para registro da auto-observação ou auto-reflexão do sujeito de pesquisa. O pesquisador pode solicitar ao usuário de dicionário que anote no diário qual a dúvida que deu origem à consulta ao dicionário, qual o resultado da consulta, quais as consultas subsequentes relacionadas à mesma dúvida, os pensamentos que lhe ocorreram durante as consultas e sugestões que lhe ocorreram no momento do uso para melhorar a qualidade dos dicionários. Há de se ressaltar que no diário existe uma defasagem entre o ato de pensar e agir e o ato de relatar pensamentos e ações. Essa defasagem pode representar tempo suficiente para que o usuário “filtre” o que deseja relatar, podendo suprimir informações importantes.

Wiegand (apud WELKER, 2006) cita a técnica do protocolo escrito e subdivide-o em *protocolo escrito durante as consultas* e *protocolo retrospectivo* dizendo que ambos podem ser estruturados, não estruturados e semi-estruturados. O protocolo escrito, quando não estruturado, corresponde ao que estou chamando de diário. Mas no caso de protocolos escritos estruturados ou semi-estruturados, o diário é substituído por formulários.

Já no protocolo verbal, o pesquisador solicita ao usuário que verbalize seu raciocínio e registra por meio de gravação de som e às vezes também de imagem, todas as ações do usuário durante o processo de consulta. Às vezes o protocolo verbal é utilizado durante a atividade que gerou as consultas ao dicionário e aí é chamado de “pensar em voz alta”, mas outras vezes ele é aplicado após essa atividade, fazendo com que o usuário reconstrua por meio de relato seu raciocínio durante as consultas. É

desejável que a defasagem de tempo seja a menor possível, pois quanto mais “fresca” estiver a experiência, maior a probabilidade de o relato corresponder ao verdadeiro percurso do raciocínio do usuário.

Os protocolos verbais exigem transcrição para posterior análise. Tanto a transcrição quanto a impossibilidade de padronizar a análise dos dados tornam essa técnica trabalhosa e, portanto, mais apropriada para aplicação em pequenos grupos.

Uma combinação de diário de observação e protocolo verbal foi desenvolvida por Atkins & Varantola (1997): orientado por um formulário, o observador registra por escrito determinadas ações e pensamentos verbalizados pelos usuários (Wiegand, apud WELKER, 2006, chamaria isso de protocolo escrito semi-estruturado). Esse instrumento tem como vantagens:

1. eliminar a fase de transcrição dos protocolos verbais;
2. substituir a auto-observação pela observação, eliminando as interrupções de atividade exigidas para registro do diário pelo próprio sujeito de pesquisa;
3. moderar a influência do ponto de vista do observador.

Os protocolos verbais guardam uma relação de fidelidade maior com o processo de uso do que o diário e do que o instrumento desenvolvido por Atkins & Varantola (1997), pois nesse último o usuário e o registrador atuam como “filtro” dos eventos.

O primeiro pesquisador a utilizar o protocolo verbal na investigação do uso do dicionário foi Ard (1982). O artigo em que Ard relatou sua pesquisa deixa lacunas na descrição de detalhes de sua pesquisa. Não se sabe, por exemplo, quantos eram os sujeitos da pesquisa. Ele comenta os resultados de dois sujeitos para cada uma das duas fases de atividades propostas e muitos leitores acreditam que os casos comentados representam a totalidade de sujeitos de pesquisa. Apesar disso, o pioneirismo de Ard inspirou outros pesquisadores do uso do dicionário a utilizarem o protocolo verbal como método. Embora seus sucessores tenham ampliado o número de sujeitos de pesquisa, nenhum reproduziu o mesmo tipo de registro de Ard, que aliou imagens de uma câmera posicionada logo acima da cabeça do sujeito pesquisado, mostrando a folha de papel em que era feita a tarefa, à gravação das falas do “pensar em voz alta”. Com isso, Ard pôde observar as pausas na escrita e percebeu que elas não ocorrem apenas quando o sujeito consulta o dicionário, mas também por outros motivos desconhecidos. Isso levou o autor a concluir que a consulta ao dicionário não é a única responsável pelas pausas no processo de redação em LE. Em sua análise, Ard pôde confrontar três fontes de dados: as imagens, os sons e a própria redação resultante.

Christianson (1997), que pesquisou o uso de dicionários na redação em LE, alega ter se inspirado em Ard (1982) e aplicado o protocolo verbal. Contudo, pela descrição contida em seu artigo, deduz-se que o autor pediu aos sujeitos de pesquisa que descrevessem seu processo cognitivo seis meses após a realização da tarefa. Se a defasagem de horas já representa um prejuízo para o “pensar em voz alta”, acredito que uma defasagem de meses compromete demais a confiabilidade dos resultados. No Brasil, Höfling (2006) utilizou protocolo verbal para pesquisar o uso do dicionário na leitura em língua estrangeira.

No caso dos protocolos, a quantidade de sujeitos de pesquisa influencia, mas não é determinante para a qualidade dos resultados.

A entrevista em profundidade, também utilizada nas pesquisas de abordagem qualitativa sobre o uso do dicionário, possui um roteiro flexível e exige que o entrevistador conheça o assunto e os objetivos da pesquisa. Ela é dirigida no sentido de obter do entrevistado o máximo de informação sobre determinadas questões.

As pesquisas qualitativas foram muito criticadas no passado pelo fato de envolverem poucos sujeitos de pesquisa, o que, na visão daqueles que estavam acostumados com o paradigma das pesquisas quantitativas, comprometia a validade e a confiabilidade de seus resultados. No entanto hoje esse tipo de pesquisa tem seu valor reconhecido em várias áreas científicas, pois por meio delas podemos ter acesso ao sujeito real de pesquisa, ao passo que nas pesquisas quantitativas aspectos da individualidade são apagados no processo de mensuração.

5. Abordagem quantitativa:

A abordagem quantitativa é adequada quando se deseja obter resultados que possam ser generalizados da amostra para a população. A fim de permitir sua aplicação em larga escala, a pesquisa quantitativa utiliza instrumentos que facilitam a tabulação dos dados e a análise em blocos. Uma característica desse tipo de pesquisa é definir sistematicamente que dados serão levantados e os critérios para análise destes dados já na fase de projeto da pesquisa. Os resultados são traduzidos em números e estatísticas (percentuais, médias, desvio-padrão, variância etc.). Nesse tipo de pesquisa é importante definir as variáveis controladas, pois assim outros pesquisadores poderão reproduzi-la a fim de comparar seus resultados. Aqui comentarei três técnicas utilizadas na pesquisa sobre o uso de dicionário por meio da abordagem quantitativa: o questionário, os experimentos e o registro de *logs*.

5.1. Questionário

Uma das principais técnicas utilizadas nas pesquisas quantitativas sobre uso do dicionário é o questionário. O questionário pode ser aberto (sem alternativas de respostas) ou fechado (com alternativas de respostas). O questionário fechado foi o instrumento das primeiras pesquisas sobre o uso dos dicionários. Essas pesquisas misturavam perguntas objetivas com perguntas subjetivas. Perguntas objetivas como: *quantos dicionários você possui? que dicionário você possui?*, só podem ser respondidas dessa forma. Portanto, questionários podem ser um instrumento de pesquisa muito adequado para avaliar quantos e quais dicionários são possuídos por uma determinada amostra e extrapolar esses dados para toda uma população.

As perguntas subjetivas, por sua vez, estão relacionadas a outro tipo de finalidade a que se prestam os questionários: as pesquisas de opinião e as pesquisas sobre comportamento. No entanto, é muito importante elaborar bem as perguntas, pois quando elas são mal interpretadas as respostas podem ficar prejudicadas.

Quando se trata de questionário fechado, ou seja, quando as alternativas de resposta são pré-determinadas, aspectos não previstos pelos pesquisadores não têm a oportunidade de se revelar. Por exemplo, Hartmann (1999), utilizou um questionário fechado para investigar várias questões envolvendo dicionários. Uma de suas conclusões foi de que as características que mais influenciam o aprendiz na compra do dicionário são, respectivamente: relevância para as necessidades, número de unidades lexicais, número de exemplos, preço e reputação da editora. No entanto, outras características que poderiam ser relevantes não apareceram como opção: durabilidade (material resistente), portabilidade (peso e volume) e potencial de aproveitamento em estágios mais avançados.

Nos questionários fechados o respondente pode assinalar uma resposta que não corresponda à sua verdade se a resposta que gostaria de dar não estiver contemplada dentre as alternativas apresentadas. Perguntar, por exemplo: *Qual o tipo de dicionário que você mais utiliza?* e dar como alternativas de resposta *dicionário monolíngüe* e *dicionário bilíngüe* impede que se conheça qual o tipo de dicionário mais utilizado em cada tipo de situação, qual a direção mais consultada e, ainda, ignora a possibilidade de distinção entre o uso do dicionário monolíngüe de LM e o uso do dicionário monolíngüe de LE. Esse tipo de pergunta poderia obter respostas mais aproveitáveis se fosse elaborado da seguinte forma:

Em cada uma das situações abaixo, qual o tipo de dicionário você mais utiliza?
Preencha os parênteses com números de 1 a 4 por ordem de prioridade: 1 para o dicionário mais utilizado até 4 para o menos utilizado.

LEITURA DE TEXTO EM LE

- () dicionário monolíngüe de língua estrangeira;
- () dicionário monolíngüe de língua materna;
- () dicionário bilíngüe na direção língua estrangeira-língua materna
- () dicionário bilíngüe na direção língua materna-língua estrangeira

TRADUÇÃO DE TEXTO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

- () dicionário monolíngüe de língua estrangeira;
- () dicionário monolíngüe de língua materna;
- () dicionário bilíngüe na direção língua estrangeira-língua materna
- () dicionário bilíngüe na direção língua materna-língua estrangeira

REDAÇÃO EM LÍNGUA ESTRANGEIRA

- () dicionário monolíngüe de língua estrangeira;
- () dicionário monolíngüe de língua materna;
- () dicionário bilíngüe na direção língua estrangeira-língua materna
- () dicionário bilíngüe na direção língua materna-língua estrangeira

VERSÃO DE TEXTO PARA LÍNGUA ESTRANGEIRA

- () dicionário monolíngüe de língua estrangeira;
- () dicionário monolíngüe de língua materna;
- () dicionário bilíngüe na direção língua estrangeira-língua materna
- () dicionário bilíngüe na direção língua materna-língua estrangeira

Perguntas como essa são mais complexas, mas podem fornecer muitas informações sobre a opinião dos pesquisados acerca do próprio comportamento.

Em pesquisas com um grande número de participantes, os questionários são enviados por e-mail ou correio e respondidos à distância. Mas eles podem também ser aplicados com a presença do pesquisador ou de um representante, possibilitando que eventuais dúvidas sobre as questões sejam acolhidas e esclarecidas.

Quando as questões são mais complexas e requerem a presença do pesquisador junto a cada sujeito de pesquisa, utiliza-se a entrevista. Na entrevista, o questionário guia as perguntas do entrevistador e pode fornecer alternativas de resposta que devem ser assinaladas pelo entrevistador a partir de sua interpretação da resposta do entrevistado. O contato individualizado do pesquisador com os sujeitos de pesquisa pode ser proveitoso, trazendo à luz aspectos ignorados anteriormente e que poderão ser aproveitados em pesquisas futuras. A entrevista sobre o uso de dicionários realizada por Ibrahim e Zalesky (1989), por exemplo, utilizou um questionário com questões abertas e fechadas. Nas conclusões, podemos observar que, se por um lado a ferramenta foi muito adequada para investigar alguns aspectos (quantos e quais dicionários possui, quantas vezes consulta o dicionário por semana, foi ou não instruído sobre como utilizar o dicionário etc.), mas não permitiu conclusões importantes em aspectos comportamentais como, por exemplo, “o que você faz quando o dicionário não lhe fornece uma resposta?”. Nesse último caso, as autoras verificaram que inúmeras variáveis influíam no comportamento dos aprendizes, dentre as quais a nacionalidade e a escolaridade. Relataram também que algumas respostas são tão complexas que “não se pode identificar uma resposta dominante” em determinado grupo de usuários (IBRAHIM; ZALESKY, 1989, p. 28).

Tanto nos questionários respondidos à distância quanto nas entrevistas simples, é preciso não confundir opinião com fato. Sempre que utilizamos questionários temos que ter em mente a possibilidade de que:

- a. O sujeito de pesquisa responda o que pensa que o pesquisador espera que ele responda. Esse problema deve ser considerado, principalmente nos casos de pesquisas conduzidas por professores com seus próprios alunos como sujeitos de pesquisa, pois é provável que os alunos já conheçam a opinião dos professores acerca dos assuntos abordados nas perguntas.
- b. O sujeito de pesquisa responda o que pensa que faz, mas que na realidade não faz. Esse problema ocorre principalmente quando se trata de comportamentos automatizados, dos quais se tem pouca consciência.

Diante desses riscos, resultados de pesquisa baseados em questionários deveriam ter o cuidado de deixar claro que se baseiam na opinião ou na declaração dos respondentes. Assim, não se deveria dizer, por exemplo, que a pesquisa mostrou que tal ou tal dicionário é mais útil, mas sim que, *na opinião dos respondentes*, tal ou tal dicionário é mais útil.

5.2. Experimentos

Nessa categoria de pesquisa enquadro todas as atividades concebidas para testar determinadas hipóteses (cf. WELKER, 2006, p. 32 que diferencia experimento de teste).

Nos experimentos procura-se controlar as variáveis consideradas mais relevantes. Por exemplo, para avaliar se um dicionário é melhor que outro, uma mesma atividade é proposta a dois grupos pretensamente homogêneos de aprendizes, cada um utilizando um dos dois tipos de dicionário testados. É considerado melhor o dicionário que foi utilizado pelo grupo que apresentou melhor desempenho.

Ao considerarem apenas algumas variáveis, os experimentos simplificam a realidade e podem conduzir a conclusões equivocadas. Sobre eles, Nesi & Haill dizem que “...exigem que os usuários consultem palavras que eles poderiam não desejar, necessariamente, consultar, em dicionários que eles não iriam normalmente consultar, para fins que eles podem não entender ou com os quais eles podem não concordar” (NESI & HAILL, 2002, p. 277, tradução minha).

Vejamos um exemplo de como o experimento pode levar a conclusões equivocadas.

Laufer (1993) queria testar a hipótese de que os exemplos são mais importantes que as definições em um dicionário. Para isso, propôs atividades de leitura, seguida de teste de compreensão de texto, e de formulação de frases em LE. Ambas as atividades continham palavras consideradas difíceis e com baixa probabilidade de já serem conhecidas pelos sujeitos de pesquisa (para isso foram testadas em um grupo de controle). O resultado das atividades foi avaliado estatisticamente, definindo o percentual de sucessos obtidos somente com exemplos, somente com definições e com exemplos e definições juntos. O resultado na atividade de leitura foi tratado separadamente do resultado na atividade de elaboração de frases (que a autora chamou de atividade de produção).

Ora, em uma atividade de produção em LE raramente ou nunca se utiliza o dicionário para conhecer o significado de uma palavra, pois é difícil conceber que alguém queira expressar-se por meio de palavras cujo significado desconhece. Além disso, nesse experimento existe a possibilidade de que os exemplos do dicionário sejam copiados ou ligeiramente alterados na sentença que os aprendizes têm que produzir.

Como em ambas as atividades desse experimento (leitura e produção de sentenças), o aprendiz utilizou o dicionário para entender o significado de palavras desconhecidas, as conclusões podem até aplicar-se ao uso receptivo do dicionário (na decodificação), mas não no uso ativo (codificação).

Nesi (1994), Nesi & Meara (1994) e Nesi (1996) também propuseram a elaboração de sentenças com palavras consideradas raras ou difíceis para medir o efeito de certas variáveis na produção escrita (a língua materna do aprendiz, definições, exemplos). Para eliminar a possibilidade de cópia dos exemplos, em Nesi (1996) foi solicitado que o sujeito de pesquisa combinasse cada uma das palavras raras com outra palavra dada, mas não rara. No entanto, o mesmo equívoco de Laufer (1993) permaneceu: não se mediu o efeito do dicionário na produção, mas sim na compreensão.

Portanto, a atividade de formular frases utilizando palavras dadas parece ser inadequada para verificar o efeito do uso do dicionário na produção.

5.3. Registro de logs

Em se tratando do uso de dicionários em mídia eletrônica, o percurso da consulta pode ser analisado por meio do registro de *logs*, que representam os comandos que o usuário deu no computador. Ao final da atividade, o pesquisador obtém um relatório com a seqüência desses *logs* e pode analisar quais as opções consultadas pelos usuários. Os *logs* substituem o observador sem afetar a espontaneidade do consulente. A mudança de mídia é uma variável a ser considerada, pois afeta a motivação. Porém, também esse tipo de pesquisa tem suas limitações: por não se saber, por exemplo, dentro de uma série de consultas registradas por *logs*, quais foram motivadas por dúvidas, quais foram motivadas por simples curiosidade e quais foram resultado de um erro na escolha da opção de acesso. Não se sabe também se toda informação acessada foi realmente lida e interpretada. Esse instrumento foi utilizado, por exemplo, por Laufer & Hill (2000) e considero um bom recurso a ser utilizado na triangulação com outros dados de pesquisa.

6. Métodos promissores ainda não utilizados.

6.1. Pesquisa-ação

Considero interessante a possibilidade de o pesquisador ser o próprio sujeito de pesquisa nessa área, pois os pesquisadores são freqüentemente também grandes usuários de dicionários. Essa modalidade de pesquisa é análoga à pesquisa-ação tão utilizada pelos professores para observar a própria prática (v. WALLACE, 1998). O fato de não envolver outras pessoas pode facilitar a execução da pesquisa e os resultados podem revelar ao pesquisador e a toda comunidade científica aspectos não observados em outros tipos de investigação. Os instrumentos utilizados nessa pesquisa são os mesmos já expostos na pesquisa de abordagem qualitativa: o diário e o protocolo verbal. A diferença é que o pesquisador vai analisar seu próprio comportamento, fazendo uma auto-observação e uma auto-reflexão.

6.2. Corpus Computadorizado de Aprendizizes

Ainda não encontrei nenhuma pesquisa que tenha utilizado *corpus* de aprendizizes computadorizado para investigar o efeito do uso de dicionários, mas considero essa uma boa idéia para avaliar a correlação entre diversas variáveis como gênero textual; dicionários utilizados; idade do sujeito, nível de instrução etc. e a quantidade e os tipos de erros cometidos.

Esse tipo de corpus é constituído de redações de aprendizizes. Poder-se-ia, por exemplo, comparar um corpus de redações feitas com o uso de dicionários a um corpus de redações sem o uso do dicionário.

Controlando-se as variáveis mais relevantes para a pesquisa do uso do dicionário, podem-se levantar padrões que mereçam ser investigados mais a fundo. Essas variáveis são: tipo de dicionário utilizado durante a escrita; condição do aprendiz em relação ao ambiente no momento da escrita (nativo ou estrangeiro); tipo de atividade

(codificação ou decodificação). Isso não dispensa, no entanto, o controle das variáveis relacionadas à biografia do sujeito de pesquisa, como idade, língua materna, tempo de estudo de LE, conhecimento de outras línguas etc.

A análise automatizada de corpora de aprendizes, contudo, ainda está se desenvolvendo, pois depende da etiquetagem automática de tipos de erros e a tipologia de erros é ainda um assunto controverso (cf. Tono, 2003).

7. Dados secundários

A possibilidade de aproveitar dados já levantados para outras finalidades deve sempre ser considerada pelo pesquisador que investiga o uso do dicionário, embora sejam raras essas oportunidades. Nesi & Hail (2002), por exemplo, aproveitaram trabalhos realizados em uma disciplina sobre uso de recursos de biblioteca e que continham um tópico referente ao uso de dicionários. O uso de corpus de aprendizes também pode ser uma forma de utilizar dados secundários. Sempre que isso for feito, no entanto, é preciso declarar todas as possíveis consequências sobre os resultados.

8. Considerações finais

Procurei mostrar como diferentes perguntas de pesquisa sobre o uso de dicionário podem requerer a adoção de diferentes abordagens metodológicas. Isso me pareceu mais produtivo do que defender a abordagem qualitativa ou a quantitativa, já que cada uma delas serve a propósitos diferentes e leva a resultados que se complementam na construção do conhecimento.

Até hoje a grande maioria das pesquisas sobre o uso do dicionário utilizou questionário e vimos exemplos de perguntas de pesquisa que podem e que não podem ser adequadamente investigadas por meio dessa técnica.

Vimos também como técnicas introspectivas de pesquisa mostram-se adequadas para investigar questões ligadas ao comportamento do usuário no processo de uso do dicionário.

Comentários críticos sobre os métodos utilizados nas pesquisas sobre o uso do dicionário podem alertar outros pesquisadores sobre aspectos que devam ser considerados nos projetos de pesquisa desta natureza.

Acredito que o uso do dicionário ainda será muito pesquisado e por isso sugeri formas de aplicar métodos conhecidos, mas ainda não utilizados para investigar esse assunto.

Muitas das terminologias utilizadas para designar as técnicas e os instrumentos de pesquisa aqui discutidos não são de consenso geral. Mas não era meu propósito argumentar sobre essas questões neste espaço.

Ainda são poucas as pesquisas sobre o uso do dicionário no Brasil. No levantamento de Welker (2006), elas somavam 17. Espero que esta discussão sobre os

métodos empregados em pesquisas sobre o uso do dicionário representem uma contribuição àqueles que desejem realizar projetos visando à ampliação do conhecimento sobre o usuário brasileiro de dicionários.

Conhecer o uso que os aprendizes fazem dos dicionários abre diversas possibilidades para o aperfeiçoamento das obras lexicográficas, além de revelar a necessidade e a oportunidade de promover o ensino do uso do dicionário.

ⁱ Bolsista CAPES

ⁱⁱ Michaelis Dicionário Escolar Inglês. São Paulo: Melhoramentos, 2001.

ⁱⁱⁱ Refiro-me às diversas obras de bilinguização do *Oxford Advanced Learner's Dictionary* pela Kernerman Dictionaries, uma das quais é o *Password English Dictionary for Speakers of Portuguese*, editado no Brasil pela Martins Fontes.

Referências Bibliográficas

ARD, J. The use of bilingual dictionaries by ESL students while writing. *ITL, Review of Applied Linguistics*, n. 58 p. 1-27, 1982.

ATKINS, B. T. S. ; VARANTOLA, K. Monitoring dictionary use. *International Journal of Lexicography*, n. 10, v. 1, p. 1-45, 1997.

BOGAARDS, P. Research on dictionary use: an overview. In: HARTMANN, R. R. K. (ed) Thematic Network Projects, Sub-project 9 – Dictionaries - Dictionaries in Language Learning, Final Report Year Three, 1999, p. 32-34. Disponível em: www.fu-berlin.de/elc/tnp1/SP9dossier.doc tnp 1. Acesso em: 04 jul. 2003.

CHRISTIANSON, K. Dictionary use by EFL writers: what really happens? *Journal of Second language Writing*, v. 6, n. 1. Elsevier Science Direct, 1997.

COWIE, A. P. *English dictionaries for foreign learners: a history*. Oxford University Press, 1999.

DOLEZAL, F. T. ; MCCREARY, D. R. *Pedagogical Lexicography today: a critical bibliography on learners' dictionaries with special emphasis on language learners and dictionary users Lexicographica*. Series Maior 96. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.

GORDON, W. ; LANGMAID, R. *Qualitative Market Research*. Aldershot (England): Gower Publishing Company Ltd., 1988.

HARTMANN, R. R. K. Case study: the Exeter University survey of dictionary use. In: HARTMANN, R. R. K. (ed) Thematic Network Projects, Sub-project 9 – Dictionaries - Dictionaries in Language Learning, Final Report Year Three, 1999, p. 36-52. Disponível em: <http://www.fu-berlin.de/elc/tnp1/SP9dossier.doc> tnp 1> Acesso em: 04 jul. 2003.

- IBRAHIM, A. H.; ZALESSKY, M. Enquête: l'usage du dictionnaire. *Lexiques*. Paris: EDICEF, numéro spécial *Le Français dans le Monde*, p. 24-30., août-sept. 1989.
- ILSON, R. *Dictionaries, Lexicography and language learning*. Oxford: Pergamon, 1985, p. 1-6.
- LAUFER, B. The effect of dictionary definitions and examples on the use and comprehension of new L2 words. *Cahiers de Lexicologie*. Paris, n. 63, p. 131-142, 1993.
- LAVILLE, D. ; DIONNE, J. *A construção do saber*. Editora UFMG/ARTMED, 1999.
- NESI, H. ; HAILL, R. A study of dictionary use by international students at a British University. *International Journal of Lexicography*, 15.2 p. 277-305, 2002.
- TONO, Y. Learner corpora: design, development and applications. In: Archer et al. (eds.) *Proceedings of the Corpus Linguistics 2003 Conference*. Technical Papers 16. Lancaster University: University Centre for Computer Corpus Research on Language, 2003, p. 800-809.
- TONO, Y. Resenha de: *Pedagogical Lexicography Today: A Critical Bibliography on Learners' Dictionaries with Special Emphasis on Language Learners and Dictionary Users* by Fredric Thomas Dolezal & Don R. McCreary. *Language*, Vol. 77, No. 4 2001, pp. 835-837.
- WALLACE, M. *Action Research for Language Teachers*. Cambridge : Cambridge University Press, 1998.
- WELKER, H. *O uso de dicionários*. Thesaurus: Brasília, 2006.

